

a indústria de transformação no sul de minas gerais, 1907-1937*

the manufacturing industry in the south of minas gerais, 1907-1937

Michel Deliberali Marson**

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Alfenas, Varginha, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

O objetivo do artigo é estudar a indústria de transformação em Minas Gerais em seus aspectos regionais e históricos, tendo como foco a região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. O trabalho analisará a evolução da indústria de transformação em um período de formação industrial na região. O artigo trata de uma parte da indústria geralmente pouco estudada pela literatura, para entender sua evolução no contexto regional, identificando sua importância para a economia local. A explicação para a incipiente indústria no Sul de Minas Gerais, no início do século XX, pode ser resgatada da determinação econômica da região no século XIX, ligada a uma economia para o atendimento de um mercado local ou regional.

Palavras-chave: Indústria de transformação. Região Sul de Minas Gerais.

ABSTRACT

The aim of this paper is to study the manufacturing industry in Minas Gerais focusing on the Southern region of Minas Gerais between 1907 and 1937. The work examines the evolution of the manufacturing industry in initial period of industrial in the region. The paper attempts to contribute to the literature to understand its evolution in the regional context, identifying its importance to the local economy. The explanation for the fledgling industry in the South of Minas Gerais might be rescued from the economic determination of the region in the nineteenth century, linked to a local or regional market.

Keywords: Industry. South of Minas Gerais.

* Agradeço os comentários recebidos no X CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA ECONÔMICA e na XI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM HISTÓRIA DE EMPRESAS, e dos pareceristas anônimos da revista. Sou grato também a Marcela Busnello (com apoio PROBIC/UNIFAL) e Luciano Castro na colaboração para elaborar os bancos de dados desta pesquisa.

Submetido: 17 de agosto de 2016; aceito: 21 de dezembro de 2016.

** Professor adjunto do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas, Campus Varginha. Doutor em Economia do Desenvolvimento pela Universidade de São Paulo. *E-mail:* michelmarson@yahoo.com.br

Introdução

Os trabalhos sobre a indústria e o processo de industrialização em Minas Gerais focaram a importância da indústria extrativa, principalmente os ramos siderúrgicos e metalúrgicos para a formação industrial da região, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Apesar de sua importância, a indústria extrativa representava 41,5% do valor da produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937. A indústria extrativa foi importante principalmente nas zonas fisiográficas do Centro (55,2% do valor da produção industrial da região), Norte (57,3%), Nordeste (65,7%), Leste (58,9%) e Noroeste (83,4%) do estado (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 301–305).

A indústria de transformação (manufatureira e fabril) foi responsável por 58,5% do valor da produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937. Essa indústria, apesar de representar a maior parte da produção industrial do estado, foi pouco estudada nos trabalhos que trataram do tema. A indústria de transformação foi importante principalmente para as zonas fisiográficas: Sul (73,3% do valor da produção industrial da região), Oeste (70,5%), Zona da Mata (68,3%) e Triângulo Mineiro (67,4%) (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 301–305).

A região Sul representava a terceira posição regional com 17,2% da produção industrial do estado de Minas Gerais, sendo superada pelo Centro com 38,9% e pela Zona da Mata com 23,1% em 1937 (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 306). Das cinco primeiras regiões industriais de Minas Gerais, apenas a região do Centro, a primeira em termos de produção, não tinha a indústria de transformação como a principal responsável pela produção industrial regional. Apesar disso, a região do Centro do estado foi a maior produtora da indústria de transformação com 29,8%, sendo seguida pela Zona da Mata (26,9%) e Sul (21,6%).

Assim, o objetivo deste trabalho é estudar a indústria de transformação em Minas Gerais em seus aspectos regionais, tendo como foco a região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. O trabalho analisará a evolução de empresas da indústria de transformação em um período de formação industrial na região. Pretendemos contribuir com a historiografia econômica sobre a industrialização de Minas Gerais, estudando uma parte da indústria geralmente pouco estudada pela literatura, e entender a evolução dessa indústria no contexto regional, identificando sua importância para a economia local.

1. A economia mineira no século XIX e início do século XX: as raízes econômicas do Sul

Para Furtado (2000, p. 89), a economia mineira perdeu vitalidade após a queda da mineração, no final do século XVIII, resultando em uma economia de subsistência. Pela análise clássica da historiografia, a economia mineira no início do século XIX desenvolveu uma agricultura que tinha como finalidade a produção para consumo local (Prado Júnior, 2000, p. 162).

Há indicação de diversificação da economia mineira na primeira metade do século XIX. Uma parte da produção mineira foi responsável pelo abastecimento da corte do Rio de Janeiro, atendendo não apenas a uma demanda local, mas a um comércio entre províncias.

Lenharo (1979) estudou o setor de abastecimento, ou seja, a produção mercantil de subsistência do Sul de Minas Gerais e suas rotas terrestres de distribuição, nas áreas interioranas produtoras de gêneros de primeira necessidade para o mercado carioca, entre 1808 e 1842. Para Lenharo, a corte tinha três fontes de abastecimento:

- 1) a externa (Lisboa, Porto e rio da Prata);
- 2) interna, de cabotagem (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e áreas próximas à corte, como Campos e Parati);
- 3) interna, de rota terrestre (capitanias de Minas Gerais e São Paulo e centros produtores de Goiás e Mato Grosso).

Da fonte externa, provinham sal, vinho, azeite, azeitonas, sardinhas, bacalhau, vinagre, trigo, farinha de trigo, carnes salgadas, toucinhos e sebo. Da fonte interna de cabotagem, vinham carnes salgadas, couros, trigo e peixe, milho, feijão, arroz, trigo, cebola, farinha de mandioca e outros. Da fonte interna terrestre, em que o Sul de Minas Gerais era o principal centro abastecedor, vinham gado, porcos, galinhas, carneiros, toucinhos, queijos e cereais.

A expansão do mercado carioca após 1808 e as crises de abastecimento levaram à necessidade de incentivar a produção de gêneros de primeira necessidade. Assim, para Lenharo (1979), a economia de subsistência não pode ser vista como complementar à economia de exportação, em que a expansão das exportações é o que determina o crescimento

do setor de subsistência. Há a necessidade de um novo corpo conceitual, para explicar o caráter mercantil da economia de subsistência voltada para o mercado interno.

A organização do abastecimento terrestre era diferente do externo e do interno por cabotagem, subsidiárias das grandes casas importadoras e exportadoras do Rio de Janeiro. O abastecimento por vias internas era um setor recente, no qual a organização distributiva estava vinculada às propriedades interioranas ou firmas de tropas independentes das grandes casas de comércio do Rio de Janeiro. As famílias proprietárias de terra do Sul de Minas Gerais comercializavam sua produção por tropas e por casas de comércio urbanas, não dependendo das casas importadoras e exportadoras do Rio de Janeiro.

A economia de subsistência no Sul de Minas Gerais voltada para o abastecimento interno tinha características específicas, com grandes propriedades escravistas. Sua origem está no abastecimento de Minas Gerais, no século XVIII. No século XIX, houve apenas um direcionamento do excedente de sua produção para o mercado do Rio de Janeiro. Essas propriedades eram fazendas intermediárias que “especializavam-se na busca do excedente regional para revendê-lo nos mercados consumidores” (Lenharo, 1979, p. 37).

Outros autores também criticaram a tese clássica de que a economia mineira havia se tornado uma economia de subsistência após o auge da mineração. Martins (1980) relatou uma economia dinâmica na província mineira, no século XIX, concentrando o maior número de escravos do país. Essa grande demanda de escravos, que, segundo Martins, era suprida por importações, resultou das atividades agrícolas ligadas ao autoconsumo, e a produção excedente tinha como destino os mercados locais. Apenas algumas áreas destinavam sua produção de alimentos básicos, laticínios, carnes e produtos suínos para o mercado externo, principalmente o Rio de Janeiro, mas esse fluxo de produtos era residual (Martins, 1980, p. 36-37).

As atividades das fazendas mineiras, dos sítios, das roças de subsistência e das fazendas de gado, com exceção do setor cafeeiro da Zona da Mata, tinham características contrárias à economia de *plantation* exportadora. A produção nessas unidades era autossuficiente, pouco integrada com mercados importantes, com tecnologia primitiva e diversificada para o consumo local. Segundo Martins (1980, p. 39), o caráter principal da

economia mineira, no século XIX, era não exportador, e a região cafeeira, Zona da Mata, não impactou no ambiente econômico do resto da província, os campos.

No período do Império, a produção de café em Minas Gerais era principalmente realizada em uma parte da Zona da Mata, mas nem todos os municípios dessa região eram cafeeiros. A região Sul de Minas Gerais não foi uma área cafeeira importante durante o Império. Foi apenas no período republicano que a região Sul de Minas Gerais iniciou o cultivo de café em grande escala, depois da conexão por ferrovia através da Mogiana com o Porto de Santos. No final do período republicano, Minas Gerais exportava três vezes mais café do que no final do Império (Martins, 1980, p. 17-18).

Em segundo plano havia uma produção manufatureira para o atendimento do mercado local mineiro. A produção manufatureira consistia de forjas de ferro, para produzir substitutos para ferramentas na mineração e agricultura e uma importante indústria têxtil, que produzia “bastante para suprir a massa da população mineira e exportar para outras províncias” (Martins, 1980, p. 38).

As conclusões de Martins sobre a economia mineira no século XIX podem ser resumidas no fato de que “a razão de ser da economia mineira era a própria Minas” (Martins, 1980, p. 43). Na maioria das áreas geográficas de Minas Gerais, a base econômica tinha como objetivo o cultivo de produtos agrícolas comuns e pecuários para o consumo local e venda para cidades próximas. Também para o mercado local produziam-se manufaturas em pequena escala. A produção orientada para mercados fora da província era exceção e não a regra (Martins, 1980, p. 40-41).

Slenes (1988) questionou as conclusões de Martins (1980), de que a expansão da escravidão em Minas Gerais no século XIX não tinha ligação com a economia de exportação. Para Slenes, a economia cafeeira foi o centro dinâmico da economia mineira e a produção de Minas Gerais para o mercado externo criou “forte demanda dentro da província por mantimentos, bens de consumo e matérias primas utilizadas pelo setor exportador e pelas atividades internas ligadas a esse setor” (Slenes, 1988, p. 480-481). Para o autor, a expansão da economia mineira no século XIX foi resultado do complexo de *plantation*. Esse complexo econômico gerou demanda para o mercado interno da província.

Ao explicar a composição do território de Minas Gerais entre o

final do século XIX e início do século XX, Wirth (1982) descreveu-a como “o mosaico mineiro”, dividida em sete zonas, que refletiam as diferenças entre as unidades do território brasileiro e ao mesmo tempo refletiam o desenvolvimento desarticulado e descontínuo de cada região. As regiões Oeste, Sudoeste, Triângulo Mineiro e Sul de Minas Gerais tinham ligação econômica e cultural com o interior de São Paulo. O Norte de Minas Gerais tinha ligação com a Bahia. A Zona da Mata está atrelada ao Rio de Janeiro. O Centro de Minas Gerais reproduz a cultura peculiar mineira, influenciada pelas outras regiões. Segundo Wirth, existia uma ligação econômica das regiões mais desenvolvidas (Zona da Mata, Sul, Triângulo Mineiro) com a economia do Rio de Janeiro e de São Paulo e as menos desenvolvidas (Norte e Oeste) com a Bahia (Wirth, 1982, p. 41-42).

Para Wirth (1982), o desenvolvimento das regiões da Zona da Mata e do Sul foi resultado do crescimento da produção de café no século XIX. Do final do século XIX até 1920, as regiões da Zona da Mata e do Sul foram as que mais cresceram em importância econômica e política. A partir de 1900, as áreas de plantação de café mudaram para a produção de “laticínios, fumo, alguma cana-de-açúcar, isso sem contar com a agricultura de subsistência conhecida em todo o estado” (Wirth, 1982, p. 45-46), para suprir os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro com cereais, manteiga, leite, queijo e produtos avícolas. A estrutura de produção agrícola no Sul, na Zona da Mata e no Oeste de Minas Gerais era de pequenas fazendas e a pecuária foi a segunda atividade mais importante da economia (Wirth, 1982, p. 45-46). Com relação aos trabalhadores, dá-se pouca importância para os estrangeiros na formação do mercado de trabalho mineiro, entre o final do século XIX e início do século XX. Entretanto, nas pequenas cidades do Sul de Minas Gerais, principal região de imigração italiana no final do século XIX, os trabalhadores estrangeiros rurais mudaram para atividade profissional e comercial, para fornecer serviços urbanos (Wirth, 1982, p. 53).

Minas Gerais não apresentava uma economia integrada, ou seja, em termos econômicos o território mineiro apresentava-se também como um mosaico, entre o final do século XIX e início do século XX. Esse desequilíbrio econômico interno refletia em perspectiva nacional, em que o estado mineiro tinha a finalidade de enviar matérias-primas a baixos preços e importar bens manufaturados de altos preços do Rio

de Janeiro e de São Paulo. O Sul de Minas Gerais ligava-se em grande parte ao mercado paulista por meio de boa comunicação, com estradas e ferrovias. A produção de café do Sul de Minas Gerais era exportada através do Porto de Santos e da Zona da Mata pelo Rio de Janeiro (Wirth, 1982, p. 77, 82).

Paiva e Godoy (2001) descreveram Minas Gerais no século XIX como um “território de contrastes”, onde cada região apresentava características próprias. As especificidades econômicas regionais eram resultado da “conjunção de múltiplos aspectos geográficos” (Paiva; Godoy, 2001, p. 487-488). Assim, Minas Gerais apresentava especialização das atividades locais e divisão regional do trabalho no século XIX. Havia complexas articulações regionais fomentadas pelo setor exportador por uma rede de fluxos comerciais, com elevada participação na comercialização do próprio produtor. Entretanto, apesar da importância do mercado externo para caracterizar as especificidades regionais, a demanda do mercado interno também foi importante para a determinação do “território de contrastes”.

Assim, segundo Paiva e Godoy (2001), a realidade da economia mineira não pode ser apresentada por meio da introversão econômica, com a produção para o mercado interno, com fraco vínculo com o mercado exterior à província, como fez Martins (1980); ou por meio da extroversão econômica, em que o setor exportador é o responsável pelo crescimento econômico, como fez Slenes (1988), mas a economia mineira deve ser apresentada como complexa, pois apresenta padrão econômico “introvertido e extrovertido ao mesmo tempo. Plural, independente e elástico” (Paiva; Godoy, 2001, p. 512).

Dulci (1999) identificou as origens do desenvolvimentismo mineiro em duas perspectivas da economia mineira e seu contexto nacional. A primeira era uma economia baseada na diversificação, com a agropecuária como base da indústria. A segunda era uma economia de produção especializada, baseada na indústria de bens intermediários. A ideia do desenvolvimentismo mineiro era superar o atraso econômico de Minas Gerais entre o final do século XIX e início do século XX, ou a “perda de substância econômica”, atraso esse relativo ao passado minerador colonial e a crescente modernização de São Paulo (Dulci, 1999, p. 37-43).

O projeto de diversificação econômica de Minas Gerais tinha como objetivo a divisão inter-regional do trabalho, baseando-se em gêneros

de consumo interno, passando para as indústrias simples até atingir as mais complexas. O principal foco desse projeto era a modernização agrícola, mas dando destaque para a produção de café e pecuária (produção de rebanhos e laticínios), além de indústrias tradicionais. O projeto de desenvolvimento via especialização tinha como objetivo o crescimento econômico baseado na grande indústria, com concentração de ramos industriais dinâmicos resultando em especialização industrial. A origem desse modelo de desenvolvimento está na defesa das reservas minerais de Minas Gerais, que tinham como forma de ação incentivar a industrialização do minério, inibindo sua exportação sem processamento. Em um primeiro momento, a siderurgia fazia parte de um projeto de desenvolvimento diversificado, etapa mais moderna do desenvolvimento baseado na agricultura e indústria tradicional. Entretanto, a industrialização passa a ser sinônimo de desenvolvimento, Minas Gerais foca na especialização da produção de bens intermediários, produtos siderúrgicos, abandonando assim o desenvolvimento diversificado (Dulci, 1999, p. 43-58).

Após expor as principais características da formação econômica de Minas Gerais no século XIX e início do século XX, focando nas características econômicas do Sul, a próxima seção atentará para as principais características da indústria mineira entre o final do século XIX e início do século XX.

2. A indústria de Minas Gerais no final do século XIX e início do século XX

Libby (2002) relatou um processo de protoindustrialização na economia escravista de Minas Gerais, no final do século XVIII e ao longo do século XIX. Esse processo ocorreu na indústria têxtil doméstica e parece ter sido uma característica singular de Minas Gerais. O autor apresentou o fenômeno analisando a estrutura ocupacional e notou uma alta concentração da força de trabalho, principalmente de mulheres livres e escravas na indústria de fiação e tecelagem doméstica. As regiões mais ativas da indústria têxtil caseira eram as dos vales dos rios Jequitinhonha, Mucuri e Doce, ou seja, o Norte de Minas Gerais, que era grande produtor de algodão, apesar de apresentar produção espalhada por todo o território mineiro. Para o Sul de Minas Gerais, Libby encontrou indícios

de plantações de algodão dispersas, criação de carneiros e produção de panos de lã (Libby, 2002, p. 256, 267-268)¹. Esse longo processo de protoindustrialização em Minas Gerais, que demonstrava sinais de vitalidade nas décadas de 1830 e 1840, não resultou em um processo de mudança das relações de produção, já que a produção das fábricas do final do século XIX parece ser menor do que no início do século, com a indústria doméstica (Libby, 2002, p. 237-246, 252-280).

Stein (1979) já havia notado a produção artesanal na fiação e tecelagem em Minas Gerais. Essas manufaturas surgiram para satisfazer as necessidades básicas de subsistência na colônia. Essa produção artesanal foi desaparecendo com a expansão do comércio europeu, facilitado pelo desenvolvimento do sistema de transportes no século XIX, sobrevivendo apenas em regiões mais remotas. A partir de meados do século XIX, com o barateamento dos produtos importados do estrangeiro, a produção caseira de tecidos de algodão tornou-se não lucrativa, promovendo o abandono da produção artesanal. Em Minas Gerais, a produção do pano da região, famoso pelo peso e durabilidade, caiu em decorrência da concorrência dos similares ingleses e da produção de algumas fábricas brasileiras (Stein, 1979, p. 20-22).

A origem da indústria de Minas Gerais no século XIX, segundo Affonso de Paula (2002), está relacionada com a região central da província, principalmente nos setores de mineração aurífera, siderurgia e têxtil. A principal característica dessa indústria era a baixa tecnologia, com operação rudimentar. Essa indústria originária de Minas Gerais nasceu inserida em um regime escravista, em que o escravo fornecia mão de obra, assim como seria o consumidor, principalmente da indústria têxtil. Com a abolição da escravidão e a chegada da ferrovia, essa indústria perdeu sua fonte de crescimento. A partir do final do século XIX, a acumulação de capital no setor cafeeiro na Zona da Mata, principalmente em Juiz de Fora², resultará em um surto de industrialização

¹ As principais fontes primárias utilizadas por Libby são os relatos de viajantes estrangeiros e, principalmente, as listas nominativas de 1831-1840, que apresentam “um enorme número de fiandeiras e tecedeiras registradas em literalmente todos os arrolamentos que incluem informações sobre as ocupações das pessoas recenseadas” (Libby, 2002, p. 270). Em outro trabalho, Libby (1997) também utilizou os Inventários de teares existentes na Capitania de Minas Gerais, elaborados em 1786.

² Sobre a industrialização de Juiz de Fora, ver também os trabalhos de Giroletti (1980), Pires (2010).

na região até 1930. A partir de 1930, a industrialização de Minas Gerais se adapta ao movimento de integração ao mercado nacional, e a indústria anterior que havia se constituído para o mercado regional não conseguiu se desenvolver. Houve desenvolvimento da indústria localizada no Centro, na Zona Metalúrgica, que se integrou ao mercado nacional, ao se especializar no setor metalúrgico e siderúrgico (Affonso de Paula, 2002, p. 6-11, 14-15).

Cano (1985) notou a estrutura da indústria de Minas Gerais com predomínio da pequena e da média empresas, espalhadas pelas várias pequenas cidades em várias regiões, entre o final do século XIX e início do século XX. Essas características da indústria foram resultantes do predomínio da pequena e média propriedade na agricultura comercial e da baixa integração interna das regiões. A manutenção e a sobrevivência dessa estrutura são explicadas pelas dificuldades com os transportes entre as regiões internas de Minas Gerais e as províncias/os estados vizinhos (Cano, 1985, p. 59-60).

A indústria de Minas Gerais, além de ser de pequeno porte relativamente ao Rio de Janeiro e a São Paulo, também apresentava baixo nível técnico. Essas características da indústria mineira refletiam na baixa integração da economia mineira em um centro dinâmico, no período anterior às décadas de 1920 e 1930, e as regiões do estado apresentavam melhor relação econômica com outros estados, particularmente a Zona da Mata com o Rio de Janeiro e as regiões do Triângulo Mineiro e Sul com São Paulo (Diniz, 1981, p. 107). A indústria mineira apresentava-se dispersa e os principais setores responsáveis pela sua manutenção na estrutura econômica do estado foram os alimentícios (particularmente laticínios e açúcar) e a siderurgia, que cresceu após 1920 (Diniz, 1981, p. 112).

Iglésias (1982) chamou a atenção para as características da indústria de Minas Gerais entre 1890 e 1930: pequenos estabelecimentos herdados do período da província, em geral produzindo tecelagens, colchas, cobertores, cerâmicas, chapéus, linhas, cervejas, vinhos, licores, cigarros, materiais para construção, artigos de couro e alimentos. Havia uma grande quantidade de estabelecimentos, mas de pequeno porte, que tinham como finalidade atender ao mercado interno, sendo raro o atendimento a mercados distantes. Mesmo a produção de ferro era realizada em pequenas forjas em fazendas.

Para Cano (1985), a explicação para a caracterização da persistência de indústrias pequenas, cujo objetivo era o atendimento ao mercado local ou regional, foi a descentralização regional da indústria brasileira até o final do século XIX. O principal motivo para a baixa integração do mercado foi o alto custo dos transportes, que protegiam naturalmente a indústria de determinadas regiões. Assim, isso fez com que, “até 1929, as indústrias mais expressivas de cada região pudessem existir sem maior competição” (Cano, 1985, p. 64).

A descentralização regional da indústria é explicada pela não integração do mercado até 1929, que favorecia a abertura de firmas de especificidade regional. Em algumas regiões surgiram estruturas industriais locais diversificadas, devido ao elevado custo de transportes no período. Outras características que influenciaram a descentralização regional da indústria foram a dinâmica econômica regional e a concentração da propriedade. Uma concentração de terras levaria à implantação de indústrias de grandes dimensões para atendimento da demanda regional ou até nacional. A baixa concentração de terras levaria à formação de indústrias de tamanho médio e pequeno para atendimento ao mercado local. Assim, “em Minas Gerais, dada a predominância da pequena e média propriedade e dada sua específica interiorização, também predominaria a pequena e média indústria, dispersa por toda a região” (Cano, 1985, p. 66).

Em 1907 a indústria do estado de Minas Gerais representava 4,4% da produção industrial brasileira, sendo o sétimo estado em termos de produção industrial. Minas Gerais ficava atrás do Distrito Federal (30,2% da produção industrial do país), de São Paulo (15,9%), do Rio Grande do Sul (13,4%), do Rio de Janeiro (7,5%), de Pernambuco (7,4%) e do Paraná (4,5%) (IBGE, 1986, p. 265).

Em 1939 a indústria mineira apresentava 6,5% da produção industrial brasileira, ficando atrás de São Paulo (45%), do Rio de Janeiro (17%) e do Rio Grande do Sul (9,8) (Diniz, 1981, p. 112). Assim, ao contrário das interpretações clássicas sobre o atraso industrial mineiro, Minas Gerais ganhou participação relativa entre os estados mais industrializados, entre 1907 e 1939.

Na década de 1920 e principalmente na de 1930, houve uma mudança na estrutura econômica do país. A economia paulista direciona sua dinâmica do mercado externo para o mercado interno. Portanto,

em que pese esse enorme avanço paulista, a periferia nacional continuaria a crescer. A maioria, entretanto, a ritmo moderado. Minas Gerais ampliava sua integração com suas exportações de gêneros alimentícios e gado vivo para o mercado interno e, principalmente, de seus produtos metalúrgicos primários. Com isto, foi quem mais cresceu, depois de São Paulo. (Cano, 1985, p. 70)

Para Singer (1968), o desenvolvimento de algumas regiões em Minas Gerais, no início do século XX, é explicado pela integração da economia mineira com o mercado urbano do Rio de Janeiro e de São Paulo. O Sudoeste de Minas Gerais (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba) e o Sul, produzindo laticínios, integraram-se à economia paulista (Singer, 1968, p. 232).

A integração da economia de São Paulo e Minas Gerais entre 1919 e 1939 parece ser exceção à regra, ou seja,

apenas Minas Gerais pôde, graças à sua maior integração com a economia paulista, acompanhar de perto o crescimento de São Paulo. Foi o único estado – exclusive São Paulo – que aumentou sua participação na produção industrial brasileira passando, no mesmo período, de 4,4% para 6,6%. (Cano, 1985, p. 71)

Assim, entre 1919 e 1939, houve uma grande expansão da indústria em Minas Gerais. A taxa média anual de crescimento real da indústria mineira nesse período foi de 7,5%, a maior do país, acima da média paulista de 7% anual, no mesmo período, e da média do país de 5,7% (Cano, 1985, p. 85).

A Tabela 1 apresenta a participação relativa da produção das principais regiões industriais de Minas Gerais entre 1907 e 1937. Entre 1907 e 1937, a região que mais perdeu participação relativa foi a Zona da Mata mineira, que, de 44,9% da produção industrial em 1907, representou 23,1% em 1937, passando de primeira região industrial para segunda no período. A região do Centro passou de 32,8% em 1907, segunda região industrial no período, para 39%, primeira região industrial, em 1937.

A região que mais ganhou participação relativa na produção industrial do estado de Minas Gerais foi o Sul entre 1907 e 1937, apesar de continuar como a terceira região industrial. Em 1907, o Sul representava 10,2% da produção industrial do estado, passando a representar 17,2% em 1937.

Esse crescimento agregado da produção industrial da região Sul de Minas Gerais não é revelada pela evolução dos principais municípios industrializados no período.

Tabela 1 – Produção industrial nas principais regiões de Minas Gerais, 1907-1937

REGIÃO	PRODUÇÃO 1907 (CONTOS)	%	PRODUÇÃO 1937 (CONTOS)	%
Zona da Mata	14.483	44,9	370.135	23,1
Centro	10.564	32,8	624.521	39,0
Sul	3.283	10,2	275.963	17,2
Oeste	919	2,8	130.843	8,2
Triângulo Mineiro	268	0,8	113.917	7,1
Minas Gerais	32.246	100,0	1.602.426	100,0

Fonte: Diniz (1981, p. 109-111), IBGE/DEE-MG (1939, p. 306).

Tabela 2 – Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1907

MUNICÍPIO	REGIÃO	VALOR DA PRODUÇÃO (CONTOS)
Juiz de Fora	Zona da Mata	8.341
Sete Lagoas	Zona Metalúrgica	2.514
Belo Horizonte	Zona Metalúrgica	1.469
Palmira	Zona da Mata	1.100
Prados	Zona Metalúrgica	1.044
Ouro Preto	Zona Metalúrgica	750
São João Nepomuceno	Zona da Mata	744
Ponte Nova	Zona da Mata	643
Cataguases	Zona da Mata	632
Baependi	Sul	582

Fonte: Diniz (1981, p. 109-111).

Pela Tabela 2, notamos que o município de Baependi era o mais industrializado do Sul de Minas Gerais em 1907, sendo o décimo município do estado. Em 1907, dos dez municípios mais industrializados, cinco pertenciam à Zona da Mata (inclusive o maior, Juiz de Fora) e quatro à Zona Metalúrgica, no Centro do estado.

A Tabela 3 apresenta os municípios mais industrializados do estado de Minas Gerais em 1920, e o maior da região Sul de Minas Gerais foi Itajubá, o nono do estado. Nesse período a Zona da Mata apresentava quatro municípios entre os dez maiores em produção industrial (nova-

mente Juiz de Fora sendo o maior), e a Zona Metalúrgica, o mesmo número de municípios.

Tabela 3 – Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1920

MUNICÍPIO	REGIÃO	VALOR DA PRODUÇÃO (CONTOS)
Juiz de Fora	Zona da Mata	33.000
Conselheiro Lafaiete	Zona Metalúrgica	19.000
Belo Horizonte	Zona Metalúrgica	18.000
Nova Lima	Zona Metalúrgica	16.000
Santos Dumont	Zona da Mata	13.000
Ouro Preto	Zona Metalúrgica	8.000
Oliveira	Oeste	7.000
São João Nepomuceno	Zona da Mata	5.000
Itajubá	Sul	5.000
Ponte Nova	Zona da Mata	5.000

Fonte: Singer (1968, p. 236).

Tabela 4 – Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1937

MUNICÍPIO	REGIÃO	VALOR DA PRODUÇÃO (CONTOS)
Belo Horizonte	Zona Metalúrgica	115.192
Juiz de Fora	Zona da Mata	111.238
Nova Lima	Zona Metalúrgica	83.195
Sabará	Zona Metalúrgica	75.565
Conselheiro Lafaiete	Zona Metalúrgica	58.691
São João del-Rei	Zona Metalúrgica	26.723
Barbacena	Zona Metalúrgica	23.398
Uberaba	Triângulo Mineiro	22.631
Caeté	Zona Metalúrgica	19.138
Uberlândia	Triângulo Mineiro	18.626

Fonte: IBGE/DEE-MG (1939, p. 259-300).

Em 1937 a região do Sul de Minas Gerais, apesar de apresentar o maior crescimento relativo de produção industrial agregada, não apresentava nenhum município entre os dez mais industrializados do estado (ver Tabela 4). Apesar do crescimento relativo agregado, em termos de produção industrial individual, os municípios do Sul de Minas Gerais perderam importância, ficando a distribuição da produção industrial mais homogênea entre os municípios em 1937 do que em 1907.

As indicações apresentadas acima revelam a importância de um estudo mais específico da região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. A próxima seção apresenta as principais fontes e metodologias do estudo apresentado aqui. A seção 4 é a contribuição empírica para o estudo da industrialização de Minas Gerais, focando o desenvolvimento industrial da região Sul.

3. Fontes e metodologia

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram os documentos *O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias*, elaborado pelo Centro Industrial do Brasil em 1907 e publicado em 1909, e o *Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937*, elaborado pelo Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais. As fontes têm limitações, principalmente a de 1907, em que foram coletadas apenas informações de empresas maiores e em maiores centros³. O *Anuário de 1937* foi um marco do ponto de vista de precisão, um trabalho jamais conseguido anteriormente. Hildebrando Clark, diretor do Departamento Estadual de Estatística, na Introdução da obra em 1939, afirmou que a produção industrial de Minas Gerais foi representada de maneira quase completa nos inquéritos de 1938. Apesar do caráter geral otimista sobre o trabalho, o diretor afirma também a possibilidade de falhas inevitáveis, dado o primeiro ano de realização de um trabalho tão extenso, sem os recursos das operações censitárias⁴. Apesar dessas limitações, essas fontes são as únicas que arrolam nominalmente as empresas. A forma de utilização da análise levou em conta essas limitações. O uso dessas fontes na pesquisa foi motivado pela apresentação da relação nominal de empresas, com informações sobre o capital, os operários e a força motriz, além do setor de atuação. Os Censos Industriais de 1920 e 1940 não publicaram a relação de empresas. Foram elaborados dois bancos de dados de empresas industriais de Minas Gerais, um de 1907 (com 531 empresas) e outro de 1937 (com 8.964 empresas) para todo o estado⁵. Após a construção dos bancos de dados

³ Sobre os principais problemas da fonte primária de 1907, ver Dean (1976, p. 100-101).

⁴ Ver IBGE/DEE-MG (1939, p. III,-IV).

⁵ Esses bancos de dados podem ser solicitados.

originais das fontes primárias, foi feita uma classificação por regiões (Centro, Norte, Nordeste, Leste, Zona da Mata, Sul, Oeste, Triângulo Mineiro e Noroeste) e municípios, onde nos concentramos na utilização dos dados da região Sul de Minas Gerais (com 171 empresas em 1907 e 2.703 empresas em 1937), tema deste artigo⁶. A classificação por regiões seguiu as regiões apresentadas no *Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937*. O Mapa 1 apresenta as principais cidades do Sul de Minas Gerais em 1925. As principais conclusões da próxima seção foram retiradas desses bancos de dados.

4. A indústria de transformação no Sul de Minas Gerais, 1907-1937

A indústria na região Sul de Minas Gerais, no final da década de 1930, apresentava uma distribuição de produção por município com característica específica (ver Figura 1). Os municípios de maior valor da produção industrial do Sul de Minas Gerais em 1937 foram fundados no período da Colônia e do Império (antes de 1889), revelando que as cidades com maior desenvolvimento industrial em 1937 eram cidades mais antigas. Das dez cidades com maior produção industrial em 1937 (ver indicação na Figura 1), oito foram fundadas antes de 1889: Itajubá (1819), Pouso Alegre (1848), Andrelândia (1868), Aiuruoca (1834), Varginha (1882), Passos (1858), Baependi (1856) e Paraisópolis (1873)⁷.

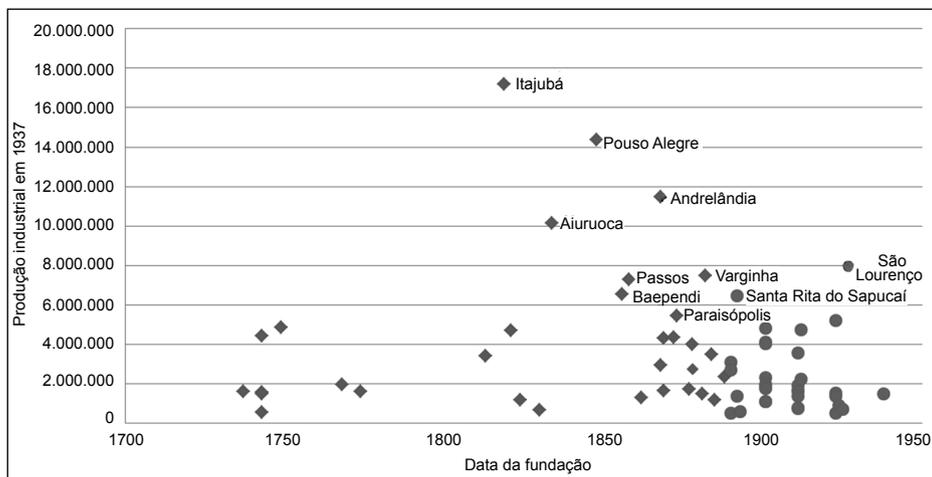
A partir de 1870 e principalmente no período republicano, foram fundados vários municípios na região Sul de Minas Gerais, mas em sua maioria esses municípios fundados a partir de 1889 apresentavam produção industrial mediana ou pequena em 1937 (ver círculos na Figura 1). Assim, o desenvolvimento industrial do Sul de Minas Gerais, no final da década de 1930, foi liderado por cidades fundadas há mais de 55 anos, ao contrário do movimento geral do estado, que foi liderado por mu-

⁶ Apesar de utilizarmos apenas informações sobre o Sul de Minas Gerais, com os dados coletados é possível realizar o mesmo estudo da indústria de transformação para todas as regiões de Minas Gerais entre 1907 e 1937.

⁷ Das dez maiores cidades com produção industrial em 1937, apenas São Lourenço (fundada em 1927) e Santa Rita do Sapucaí (fundada em 1892) foram fundadas no período republicano.

nicípios mais novos, como Belo Horizonte (fundado em 1897) e Nova Lima (1891). Há indício de que as principais cidades industriais do Sul de Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XX, apresentavam relação com as atividades agropecuárias dominantes na região, formada na economia de abastecimento no século XIX.

Figura 1 – Relação entre a produção industrial em 1937 e a data de fundação das cidades do Sul de Minas Gerais, em mil-réis e anos



Fonte: IBGE/DEE-MG (1939).

Nota: as cidades apresentadas em losango foram fundadas no período da Colônia e do Império (antes de 1889), e as apresentadas em círculo foram fundadas no período da República (após 1889). As datas de fundações são oficiais, sendo possível a existência das localidades em período anterior como vila, arraial ou distrito.

O Mapa 2 apresenta o Sul da Capitania de Minas Gerais nos fins da era colonial, ou seja, no início do século XIX. A região Sul de Minas Gerais estava estabelecida entre o bispado de São Paulo e a comarca do Rio das Mortes na Capitania de Minas Gerais⁸. Numa análise atenta ao

⁸ Para uma descrição da divisão política da Província de Minas Gerais, ver o trabalho de Cunha Matos (1981). A Província de Minas Gerais estava dividida em cinco comarcas: Ouro Preto (Centro e Sudeste), Rio das Velhas (Centro e Noroeste), Serro Frio (Norte), Paracatu (Oeste e Noroeste) e Rio das Mortes (Sul e Leste). A maior parte do Sul estava atrelada à comarca do Rio das Mortes, principalmente nos termos de Campanha da Princesa, Baependi e Sapucaí (Cunha Matos, 1981, v. 1, p. 113-158). Nos limites da Província de Minas Gerais com a de São Paulo, havia pretensões do bispo de São Paulo ao território mineiro ao Sul do Rio Grande, já que havia paróquias dentro da Província de Minas Gerais sujeitas ao prelado de São Paulo (Cunha Matos, 1981, v. 2, p. 176-178).

mapa, que também apresenta os recursos econômicos da região em fins do período colonial, é possível perceber que, apesar de existirem algumas fábricas de ouro, a maior parte dos recursos da região tinha relação com a atividade agropecuária, como víveres, ou seja, alimentos necessários à sobrevivência, suínos, gado vacum, queijos, algodão e tabacos.

Como veremos mais adiante (Tabela 6), os principais produtos manufaturados das cidades do Sul de Minas Gerais, no final da década de 1930, eram os queijos, as manteigas e banhas, derivados, portanto, de atividades agropecuárias dominantes e presentes na região desde o século XIX.

Apesar dessa relação com a produção agropecuária estabelecida no século anterior, a produção industrial do Sul de Minas Gerais teve uma aceleração nas primeiras décadas do século XX. A Tabela 5 apresenta o valor real de produção industrial nas principais cidades do Sul de Minas Gerais, entre 1907-1937, com a taxa média de crescimento anual. Pela tabela é possível perceber o rápido crescimento (em média de 18,3% ao ano) da produção industrial das cidades do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937.

Para uma grande parte dessas cidades, esse elevado crescimento é decorrente de uma produção industrial baixa em 1907, ou seja, de um padrão de produção industrial muito baixo no ano inicial da análise, como é o caso de Poços de Caldas, Guaranésia e Areado, as cidades que tiveram maior taxa de crescimento anual da produção industrial no período. Outras cidades como Itajubá, Pouso Alegre, Varginha, Passos e Santa Rita do Sapucaí tiveram expressivas taxas de crescimento da produção industrial e possuíam uma produção industrial significativa para a região em 1907. Algumas dessas cidades foram grandes produtoras de café, o que revela que a dinâmica do comércio exterior pode ter influenciado no desenvolvimento econômico e industrial da região. Entretanto, apesar do crescimento representativo da produção industrial de algumas cidades, na média, as cidades do Sul de Minas Gerais apresentavam baixa produção industrial individual em 1937. A maior cidade em produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937, Belo Horizonte, apresentava produção 6,7 vezes maior do que Itajubá, a maior cidade industrial da região Sul (ver Tabelas 4 e 5). Belo Horizonte apresentava produção industrial 23 vezes maior do que a média das cidades do Sul de Minas Gerais.

Tabela 5 – Valor real da produção industrial (a preços de 1937) e taxa de crescimento (%) das principais cidades do Sul de Minas Gerais, 1907-1937

CIDADE	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1907 (CONTOS DE 1937)	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1937 (CONTOS DE 1937)	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO %
Itajubá	418	17.178	20,4
Pouso Alegre	503	14.380	18,2
Aiuruoca	584	10.130	15,3
Varginha	118	7.471	23,1
Passos	211	7.310	19,4
Baependi	1.558	6.540	7,4
Santa Rita do Sapucaí	220	6.485	18,4
Ouro Fino	498	4.882	12,1
Caxambu	137	4.830	19,5
São Sebastião do Paraíso	99	4.713	21,3
São Gonçalo do Sapucaí	525	4.443	11,3
Poços de Caldas	11	4.372	35,1
Alfênas	158	4.303	18,0
Lambari	503	4.106	11,1
Guaranésia	13	4.059	33,1
Três Corações	96	3.513	19,7
Pouso Alto	78	2.759	19,5
Passa Quatro	86	2.372	18,1
Três Pontas	193	1.964	12,3
Campos Gerais	51	1.853	19,7
Carmo do Rio Claro	696	1.719	4,6
Dores da Boa Esperança	460	1.673	6,7
Campanha	32	1.633	21,7
Machado	40	1.500	19,8
Areão	3	710	32,2
Média	292	4.996	18,3

Fonte: IBGE (1986), IBGE/DEE-MG (1939).

Nota: os valores da produção industrial de 1907 foram transformados a preços de 1937 pelo índice de produção industrial de Malan (1977, p. 512).

A Tabela 6 apresenta os principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas Gerais em 1937, com sua respectiva concentração da produção nos três principais bens produzidos. Duas características são importantes nesses dados. Primeiro, a produção industrial das cidades do Sul de Minas Gerais em 1937 tendeu para bens relacionados às características da produção econômica da região, como, por

exemplo, a produção de derivados do leite e de produtos agropecuários, como manteigas, queijos, banhas, entre outros. Outra característica é a alta concentração da produção industrial nos três principais produtos. Essa concentração da produção revela relativa especialização da produção manufatureira ligada a produtos de matérias-primas agrícolas e pecuárias típicas da região, que tinha como finalidade, além do atendimento do mercado local das próprias cidades, também o atendimento do mercado regional (outras cidades e até outros estados).

Tabela 6 – Principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas Gerais, 1937

CIDADE	PRINCIPAIS PRODUTOS PRODUZIDOS	%
Paraguaçu	1) manteiga, 2) telhas, tijolos, 3) lenha	86,8
Campestre	1) manteiga, 2) lenha, 3) queijo minas	86,2
Guaranésia	1) tecidos de algodão, 2) lenha, 3) massas	85,4
São Lourenço	1) águas minerais, 2) manteiga, 3) queijos	85,2
Andrelândia	1) queijo minas, 2) outros queijos, 3) manteiga	83,1
Extrema	1) lenha, 2) telhas, tijolos, 3) banha	82,7
Dores da Boa Esperança	1) cascas, 2) lenha, 3) manteiga	82,1
Aiuruoca	1) queijo minas, 2) outros queijos, 3) lenha	81,9
Baependi	1) queijo minas, 2) outros queijos, 3) lenha	81,4
Santa Catarina	1) madeira, 2) telhas, tijolos, 3) lenha	81,3
Caxambu	1) águas minerais, 2) queijos, 3) manteiga	79,7
Eloi Mendes	1) lenha, 2) madeira, 3) manteiga	79,6
Carmo do Rio Claro	1) manteiga, 2) lenha, 3) pães, biscoitos	78,1
Fortaleza	1) lenha, 2) manteiga, 3) madeira	76,7
Ibiraci	1) manteiga, 2) lenha, 3) queijo minas	76,3
Cachoeiras	1) madeira, 2) lenha, 3) manteiga	75,1
Guapé	1) manteiga, 2) lenha, 3) telhas, tijolos	75,1
Botelhos	1) lenha, 2) manteiga, 3) telhas, tijolos	74,7
Três Corações	1) charque, 2) manteiga, 3) lenha	74,4
Paraisópolis	1) banha, 2) lenha, 3) manteiga	74,1
Santa Quitéria	1) lenha, 2) madeira, 3) areia	74,1
Alfenas	1) manteiga, 2) lenha, 3) queijo minas	73,2
Muzambinho	1) lenha, 2) banha, 3) madeira	73,1
Santa Rita do Sapucaí	1) artefatos de metal, 2) manteiga, 3) queijos	72,7
Virgínia	1) queijos, 2) lenha, 3) madeira	72,7
Jacutinga	1) lenha, 2) queijo minas, 3) madeira	72,6
Cristina	1) lenha, 2) manteiga, 3) pães, biscoitos	71,7
Pouso Alegre	1) banha, 2) manteiga, 3) lenha	71,5

Tabela 6 – Principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas Gerais, 1937

CIDADE	PRINCIPAIS PRODUTOS PRODUZIDOS	%
Passa Quatro	1) queijo, 2) lenha, 3) móveis	71,3
Pouso Alto	1) queijo minas, 2) lenha, 3) manteiga	71,2
Monte Santo	1) lenha, 2) madeira, 3) massas	70,9
Nova Rezende	1) madeira, 2) tijolos, telhas, 3) lenha	70,6
Passos	1) manteiga, 2) lenha, 3) cal, calcário	70,6
Cabo Verde	1) lenha, 2) telhas, tijolos, 3) queijo minas	69,2
Gimirim	1) madeira, 2) lenha, 3) telhas, tijolos	68,3
Conceição do Rio Verde	1) lenha, 2) manteiga, 3) pães, biscoitos	67,9
Brasópolis	1) telhas, tijolos, 2) lenha, 3) areia	67,4
Caldas	1) queijo minas, 2) madeira, 3) lenha	66,9
Maria da Fé	1) telhas, tijolos, 2) banha, 3) lenha	66,7
Lambari	1) águas minerais, 2) garrafas, 3) telhas, tijolos	66,5
São Tomás de Aquino	1) manteiga, 2) telhas, tijolos, 3) lenha	65,7
Silvianópolis	1) lenha, 2) telhas, tijolos, 3) manteiga	65,3
Pedra Branca	1) lenha, 2) pães, biscoitos, 3) queijo minas	65,2
Jacuí	1) lenha, 2) madeira, 3) queijo minas	64,7
Camanducaia	1) madeira, 2) lenha, 3) queijo minas	64,4
Itanhandu	1) outros queijos 2) leite condensado, 3) manteiga	64,1
Varginha	1) manteiga, 2) banha, 3) lenha	63,7
Borda da Mata	1) banha, 2) lenha, 3) telhas, tijolos	63,1
Silvestre Ferraz	1) lenha, 2) pães, biscoitos, 3) telhas, tijolos	61,8
Cambuí	1) lenha, 2) manteiga, 3) telhas, tijolos	61,5
São Gonçalo do Sapucaí	1) ouro, 2) manteiga, 3) queijo minas	61,4
Cássia	1) lenha, 2) pães, biscoitos, 3) queijos	60,7
Arceburgo	1) lenha, 2) móveis, 3) artefatos de ferro	60,4
Andradas	1) madeira, 2) lenha, 3) telhas, tijolos	59,6
Três Pontas	1) lenha, 2) telhas, tijolos, 3) manteiga	58,5
Machado	1) lenha, 2) telhas, tijolos, 3) manteiga	58,1
Ouro Fino	1) calçados, 2) lenha, 3) madeira	57,3
Areado	1) manteiga, 2) lenha, 3) sorvete	54,8
Itajubá	1) tecidos de algodão, 2) lenha, 3) chapéu	54,7
Campos Gerais	1) manteiga, 2) lenha, 3) cal, calcário	53,7
Guaxupé	1) lenha, 2) calçados, 3) solas, peles curtidas	52,3
Poços de Caldas	1) bauxita, 2) pães, biscoitos, 3) doce de leite	50,4
Cambuquira	1) águas minerais, 2) telhas, tijolos, 3) manteiga	49,8
Campanha	1) massas, 2) lenha, 3) outros queijos	46,8
São Sebastião do Paraíso	1) madeira, 2) lenha, 3) telhas, tijolos	40,8

Fonte: IBGE/DEE-MG (1939).

Nota: a porcentagem representa a participação relativa dos três principais produtos.

A Tabela 7 apresenta as 30 maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais em 1907. A primeira informação importante da tabela é a baixa quantidade de operários nas maiores empresas industriais do Sul (a maior empresa empregava 16 operários). As maiores empresas do Sul de Minas Gerais em 1907 atuavam no ramo de processamento de derivados do leite (manteiga e queijos), um setor que exigia pequena quantidade de capital e mão de obra. Das 30 maiores empresas industriais, 22 atuavam no ramo de manteiga e queijos.

Tabela 7 – Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1907

PROPRIETÁRIO	LOCALIDADE	CAPITAL	OPERÁRIOS	RAMO INDUSTRIAL
J. Meirelles & Comp.	Baependi	100.000	16	Manteiga e queijos
Laudito & Monte Raso	Dores da Boa Esperança	50.000	13	Fundição e obras de metais
Souza Meirelles & C.	São Gonçalo do Sapucaí	45.000	9	Manteiga e queijos
Melwold & C.	Aiuruoca	40.000	7	Manteiga e queijos
José Guilherme & C.	Mantiqueira	25.000	6	Manteiga e queijos
Mariano Furtanet & Lourenço	Ouro Fino	20.000	8	Preparo de couros
Gouvêa Irmãos & C.	Aiuruoca	20.000	8	Manteiga e queijos
Francisco Guarini	Lambari	20.000	6	Preparo de couros
João Evangelista Sant'Anna	Carmo do Rio Claro	20.000	6	Moagem de cereais
José E. de Sant'Anna	Carmo do Rio Claro	20.000	6	Manteiga e queijos
José Evaristo Tavares Paes	Pouso Alegre	15.000	6	Manteiga e queijos
Junqueira & Netto	Carmo do Rio Verde	15.000	6	Manteiga e queijos
Pedro Talarico	Baependi	10.000	6	Manteiga e queijos
Alcebiades José Lemos	Carmo do Rio Claro	10.000	5	Manteiga e queijos
Dionizio M. Junior & C.	São Gonçalo do Sapucaí	10.000	7	Manteiga e queijos
José Augusto Neves Ferreira	Três Pontas	10.000	8	Manteiga e queijos
Ernesto Nogueira Azevedo	Baependi	10.000	5	Manteiga e queijos
Luiz Maciel	Baependi	9.000	5	Manteiga e queijos
Elisario José Lemos	Passos	8.500	6	Manteiga e queijos
Vicente F. Rodrigues	Pouso Alegre	8.000	4	Fundição e obras de metais
Oliveira & Santiago	Varginha	8.000	4	Fundição e obras de metais

Tabela 7 – Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1907

PROPRIETÁRIO	LOCALIDADE	CAPITAL	OPERÁRIOS	RAMO INDUSTRIAL
Oliveira & Santiago	Varginha	8.000	4	Refinarias de açúcar
Luiz Maciel	Baependi	8.000	3	Manteiga e queijos
Ernesto de Azevedo	Baependi	8.000	5	Manteiga e queijos
Gabriel Archanjo Costa	Areado	8.000	4	Manteiga e queijos
Emygdio Rezende	Ouro-Fino	7.500	5	Manteiga e queijos
Joaquim Braz Carvalho Villela	Carmo do Rio Claro	7.000	4	Manteiga e queijos
Antonio Oliveira Leite	Dores da Boa Esperança	7.000	5	Manteiga e queijos
Gabriel Oliveira Junqueira	Pouso Alto	7.000	4	Manteiga e queijos
Carneiro & Brito	Itajubá	6.000	5	Moagem de cereais

Fonte: IBGE (1986).

Nota: capital está em mil-réis.

A Tabela 8 apresenta as 30 maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais em 1937. Como é possível perceber, há muitas empresas processando derivados de leite, mas entre as maiores também há fábricas de tecidos, produtoras de charque, usinas de açúcar, beneficiamento de algodão e panificação. Entretanto, apesar de aparente diversificação da produção industrial entre as maiores empresas do Sul de Minas Gerais em 1937, havia uma grande concentração na produção de produtos derivados de leite e porcos nas cidades, como mostra a Tabela 6.

Tabela 8 – Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1937

NOME DA FIRMA	MUNICÍPIO	CAPITAL (MIL-RÉIS)	EMPREGADOS	RAMO INDUSTRIAL
Cia. Industrial Sul Mineira	Itajubá	9.402.350	448	Fábrica de tecidos
Antônio Paciolo	Três Corações	2.500.000	30	Charqueadas
Cia. Fabril Mascarenhas	Alpinópolis	1.885.789	225	Fábrica de tecidos
Pereira Osório Manad e Cia. Ltda. – Usina Pedrão	Pedra Branca	1.600.000	34	Açúcar de usinas
M. Silvestrini & Irmãos	São Lourenço	1.500.000	169	Lactícínios – manteiga
Alberto Alves & Cia. – Fábricas de Tecidos Margarida	Guaranésia	1.343.866	218	Fábrica de tecidos
J. Bernardino & Filhos – Usina Santa Helena	Conceição do Rio Verde	1.260.000	20	Açúcar de usinas
A. Faria & Cia. Ltda. – Fábrica de Tecidos Maria Carneiro	Itajubá	1.170.000	204	Fábrica de tecidos

Tabela 8 – Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1937

NOME DA FIRMA	MUNICÍPIO	CAPITAL (MIL-RÉIS)	EMPREGADOS	RAMO INDUSTRIAL
Cia. Açucareira e Fluvial Passos Ltda. – Usina Passos	Passos	1.124.000	85	Açúcar de usinas
João Vaz & Cia.	Pouso Alegre	800.000	40	Banha e outros produtos porcinos
Sociedade Refinaria Itajubense Ltda.	Itajubá	604.700	11	Refinação de açúcar
A. Mendes e Cia. – Usina S. José	Elói Mendes	600.000	24	Açúcar de usinas
Soc. Agrícola Irmão Azevedo – Usina Ariadnópolis	Campos Gerais	552.970	18	Açúcar de usinas
Salgado Irmão & Cia.	Varginha	526.829	40	Lactícínios – manteiga
José Custódio Dias de Araújo – Usina José Luiz	Campestre	500.000	42	Açúcar de usinas
Cremeria Caxambu Ltda.	Caxambu	418.284	10	Lactícínios – queijos
Zaroni & Cia	Maria da Fé	400.000	89	Olarias e cerâmicas
Azarias de Brito Sobrinho – Usina Bóia Vista	Três Pontas	350.000	20	Açúcar de usinas
Indústrias Renard Ltda.	Pouso Alegre	319.856	69	Lactícínios – manteiga
Navarro & Irmão	Machado	310.000	15	Fábrica de ferraduras e foices
Gonçalves Sales & Cia.	Passos	280.000	50	Lactícínios – manteiga
João Dias de Carvalho	Caldas	279.000	7	Lactícínios – queijo minas
Leiteira de Caldas Soc. Coop.	Poços de Caldas	273.391	14	Lactícínios – manteiga
Marcondes & Cia.	Paraisópolis	260.000	13	Banha e outros produtos porcinos
Sociedade Algodoeira Machado Ltda.	Machado	250.000	12	Beneficiamento de algodão
João Diniz	Muzambinho	250.000	15	Banha e outros produtos porcinos
Albano de Magalhães Carvalho – Padaria São Lourenço	São Lourenço	250.000	11	Panificação
Alberto Alves & Cia.	Guaranésia	230.000	12	Beneficiamento de algodão
Cia. Manufatureira Progresso de Itajubá	Itajubá	210.000	38	Chapéus para homens
D. Faria & Cia. Ltda.	Itajubá	200.000	15	Banha e outros produtos porcinos

Fonte: IBGE/DEE-MG (1939).

Conclusão

A formação específica do mercado em Minas Gerais, especialmente o Sul mineiro, no século XIX, refletiu nas características da formação industrial dessa região no início do século XX, sendo sua principal característica a pequena indústria para o atendimento de um mercado local ou regional (mesmo ultrapassando as fronteiras estaduais).

Havia uma forte ligação da indústria do Sul de Minas Gerais com as atividades agropecuárias dominantes na região. Assim, a explicação para a incipiente indústria no Sul de Minas Gerais no início do século XX pode ser resgatada na determinação econômica da região no século XIX, ligada a uma economia de abastecimento, geralmente para o atendimento de um mercado local ou regional (mesmo ultrapassando as fronteiras da província e depois do estado).

Há indício de que a atividade cafeeira promoveu o desenvolvimento industrial da região, pois as principais cidades que tiveram altas taxas de crescimento da produção industrial eram produtoras de café entre 1907 e 1937. Entretanto, a comprovação dessa hipótese fica como agenda para pesquisas futuras. Outra questão importante para pesquisas futuras é a identificação da origem dos empresários na indústria manufatureira do Sul de Minas Gerais e qual a ligação dessas empresas com o mercado interno e externo.

Apêndice

Anexo 1 – Data de fundação, produção industrial e população das cidades do Sul de Minas Gerais, em contos de réis correntes, 1907, 1937, 1940

CIDADE	FUNDAÇÃO	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1907 (CONTOS DE RÉIS)	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1937 (CONTOS DE RÉIS)	POPULAÇÃO, 1940
Itajubá	1819	156	17.178	32.577
Pouso Alegre	1848	188	14.380	34.447
Andrelândia	1868		11.497	17.074
Aiuruoca	1834	218	10.130	14.787
São Lourenço	1927		7.953	8.628
Varginha	1882	44	7.471	20.064
Passos	1858	79	7.310	29.214

CIDADE	FUNDAÇÃO	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1907 (CONTOS DE RÉIS)	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1937 (CONTOS DE RÉIS)	POPULAÇÃO, 1940
Baependi	1856	582	6.540	21.121
Santa Rita do Sapucaí	1892	82	6.485	23.442
Paraisópolis	1873		5.440	24.880
Itanhandu	1923		5.209	6.134
Ouro Fino	1749	186	4.882	30.351
Caxambu	1901	51	4.830	6.401
Guaxupé	1912		4.758	18.453
São Sebastião do Paraíso	1821	37	4.713	28.446
São Gonçalo do Sapucaí	1743	196	4.443	22.755
Poços de Caldas	1872	4	4.372	19.111
Alfenas	1869	59	4.303	17.617
Lambari	1901	188	4.106	11.792
Guaranésia	1901	5	4.059	20.444
Muzambinho	1878		3.994	24.690
Paraguaçu	1911		3.563	13.540
Três Corações	1884	36	3.513	17.798
Caldas	1813		3.424	
Andradas	1890		3.123	16.277
Camanducaia	1868		2.964	19.105
Pouso Alto	1878	29	2.759	8.333
Monte Santo	1890		2.713	20.589
Passa Quatro	1888	32	2.372	8.596
Jacutinga	1901		2.307	17.766
Maria da Fé	1912		2.233	8.053
Extrema	1901		1.966	12.148
Três Pontas	1768	72	1.964	22.660
Botelhos	1911		1.947	12.252
Campos Gerais	1901	19	1.853	21.648
Nova Rezende	1901		1.791	13.383
Carmo do Rio Claro	1877	260	1.719	22.763
Silvianópolis	1911		1.677	14.080
Dores da Boa Esperança	1869	172	1.673	23.560
Cambuquira	1911		1.641	7.596
Cristina	1774		1.636	11.643
Campanha	1737	12	1.633	12.534
Santa Catarina (Natércia pós-1953)	1743		1.579	10.035
Guapé	1923		1.530	19.661

CIDADE	FUNDAÇÃO	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1907 (CONTOS DE RÉIS)	PRODUÇÃO INDUSTRIAL, 1937 (CONTOS DE RÉIS)	POPULAÇÃO, 1940
Borda da Mata	1938		1.522	13.149
Santa Quitéria (Natércia pós-1953)	1743		1.509	10.841
Machado	1881	15	1.500	22.653
Elói Mendes	1911		1.393	14.296
Cambuí	1892		1.388	22.919
Gimirim (Poço Fundos pós-1953)	1923		1.386	14.823
Cabo Verde	1862		1.322	14.378
Ibiraci	1824		1.205	14.004
São Tomás de Aquino	1885		1.184	8.670
Silvestre Ferraz (Carmos de Minas pós-1953)	1901		1.123	11.650
Brasópolis	1901		1.109	21.505
Cachoeiras	1924		919	10.298
Virgínia	1911		818	7.532
Conceição do Rio Verde	1911		768	6.722
Areado	1925	1	710	7.899
Campestre	1830		678	17.451
Arceburgo	1893		609	8.076
Pedra Branca (Natércia pós-1953)	1743		561	12.674
Jacuí	1923		519	10.816
Cássia	1890		517	10.805

Fonte: IBGE/DEE-MG (1939), IBGE (1986), IBGE (1950).

Nota: as datas de fundações são oficiais, sendo possível a existência das localidades em período anterior como vila, arraial ou distrito. Os dados de população são de moradores presentes na data do censo.



Fonte: Silveira (1926).



Fonte: Carrato (s.d.).

Referências bibliográficas

- AFFONSO DE PAULA, R. Z. Indústria mineira: origem e desenvolvimento. X SEMINÁRIO DE ECONOMIA MINEIRA, 2002, Diamantina.
- CANO, W. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1970*. São Paulo/Campinas: Global/Editora da UNICAMP, 1985.
- CARRATO, J. F. *Mapa da Capitania de Minas Gerais*. S.l.: s.ed., s.d. (Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro).
- CUNHA MATOS, R. J. da. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1981 (1837), 2 v.
- DEAN, W. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1976.
- DINIZ, C. C. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.
- DULCI, O. S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: PUBLIFOLHA, 2000.
- GIROLETTI, D. *A industrialização de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.
- IBGE. *Censo demográfico 1940*. Recenseamento geral do Brasil. [1ª de setembro de 1940] Série regional. Parte XIII – Minas Gerais. Tomo I: Censo demográfico. População e habitação. Quadros de totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Rio de Janeiro, 1950.
- IBGE. *Séries estatísticas retrospectivas*. O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias. Centro Industrial do Brasil, 1986 (1909).
- IBGE/DEE-MG. *Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937*. Belo Horizonte, 1939.
- IGLESIAS, F. Política econômica do estado de Minas Gerais, 1890-1930. V SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 1982, Belo Horizonte, UFMG.
- LENHARO, A. *As tropas da moderação – O abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LIBBY, D. C. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais. *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 97-125, jan.-abr. 1997.
- LIBBY, D. C. Protoindustrialização em uma sociedade escravista: o caso de Minas Gerais. In: SZMRECSÁNY, T.; LAPA, J. R. do A. *História econômica da Independência e do Império*. 2. ed. rev. São Paulo: HUCITEC/ABPHE/Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial, 2002.
- MALAN, P. *Política econômica externa e industrialização no Brasil, 1939-1952*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1977.
- MARTINS, R. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1980.
- PAIVA, C. A.; GODOY, M. M. Território de contrastes: economia e sociedade das Minas Gerais do século XIX. *História e educação, homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001.
- PIRES, A. Crédito comercial, financiamento bancário e crescimento industrial em Juiz de Fora, 1890/1930. *ANAIIS DO XIV SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA*. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG, 2010.
- PRADO Júnior, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.
- SILVEIRA, V. *Minas Gerais em 1925*. Geographya physica. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926 (Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro).
- SINGER, P. I. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- SLENES, R. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 449-495, 1988.
- STEIN, S. J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- WIRTH, J. D. *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação brasileira, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.